

RESENHA

SCHMITT PANTEL, Pauline. *Aithra et Pandora. Femmes, Genre et Cité dans la Grèce antique. Paris: L'Harmattan, 2009, 231 p.*

PAULINE SCHIMTT PANTEL E OS ESPAÇOS FEMININOS NA GRÉCIA ANTIGA E NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Edson Moreira Guimarães Neto^{*}

Pauline Schmitt Pantel é uma respeitada historiadora, bastante conhecida por seus inúmeros trabalhos concentrados nos estudos de gênero e dos espaços femininos na Antiguidade Clássica¹. Atualmente, é professora da Université Paris 1 Panthéon- Sorbonne e membro do comitê científico do Institut Émilie du Châtelet pour le développement et la diffusion des recherches sur les femmes, le sexe et le genre (IEC), onde dirige a equipe de pesquisas *Phéacie: Les pratiques culturelles dans les sociétés grecque et romaine*.

Aithra et Pandora faz parte de uma série de livros, dirigida por Oristelle Bonis, Dominique Fougeyrollas e Hélène Rouch, intitulada – de maneira autoexplicativa – *Bibliothèque du féminisme*. O volume de Schmitt Pantel é composto por uma coletânea de artigos escritos e publicados originalmente entre 1977 e 2008, portanto, perpassando três décadas da produção e da trajetória acadêmica da autora, mas também de debates acerca dos espaços de atuação feminina e dos estudos de gênero, sobretudo na Grécia Antiga.

^{*} Mestrando do Programa de Pós-graduação em História Comparada (PPGHC) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

O livro é aberto com um prefácio em que a autora recorda como a pesquisa se alimenta do compromisso de seu autor e, discretamente, revela alguns traços de uma autobiografia que inclui, não surpreendentemente, suas próprias heroínas. Em seguida, a introdução retoma um texto que abriu a oficina do Centro Louis Gernet e foi dedicado à mulher sem nome de Isômaco², advertindo de duas coisas: os “direitos e poderes das mulheres” no mundo grego são definidos em negação, e nenhuma das pesquisas atuais sobre as múltiplas organizações dos antigos acerca do estatuto jurídico das mulheres pode esquecer o discurso político e normativo generalizado, relacionando suas vidas à função reprodutiva.

Na sequência, vemos o livro se dividir em quatro eixos temáticos. O primeiro, intitulado *Un parcours*, é composto por dois capítulos (*La différence des sexes. Histoire, anthropologie et cité grecque doits dans les années 80*³ e *L’histoire des femmes en histoire ancienne, dans les années 90*⁴) que nos mostram os debates teóricos surgidos nos anos 1980 acerca das relações socioespaciais e de poder entre homens e mulheres nos diferentes tempos históricos e, posteriormente, na década de 1990, a articulação desses aspectos relacionais através da categoria gênero. Essa parte do livro nos permite compreender os pressupostos teóricos e as perspectivas que regeram a produção da autora, assim como lembrarmos quais e como eram as correntes discursivas no exato momento em que se tornavam emergentes os debates da História de Gênero.

No segundo eixo temático (*Les jeunes et la cité*), composto por quatro capítulos (*Le corps des jeunes filles*⁵, *Aithra et Athéna Apatouria, un rite de passage au féminin*⁶, *Les jeunes garçons de Corcyre et le tyran Périandre*⁷ e *L’âne, l’adultère et la cité*⁸), trata sobretudo do casamento e do valor político e social atribuído à esposa legítima. Aqui, a discussão da autora se desenrola em torno dos papéis (de filha, esposa e mãe) que a jovem garota vai desenrolar aos olhos da comunidade cívica em relação ao seu contraponto masculino (jovem atleta, guerreiro, cidadão).

Seguindo, temos o eixo temático intitulado *Espaces et genre* que, em seus três capítulos (*Des espaces partagés*⁹, *Festins de femmes*¹⁰ e *Jeunes garçons et jeunes femmes sur les images de symposion*¹¹), concentra-se na observação de espaços concretos na vida cotidiana da *pólis*, como os santuários, as salas de banquetes, as casas ou os sítios funerários e a relação desses com as construções abstratas e bastante sutis de espaços femininos

e masculinos, muito mais permissivas e maleáveis do que a ideia simplista de uma separação engessada entre público e privado (p.101-4).

No último eixo temático (*Violence et heroïsme*), que contém dois capítulos (*Femmes meurtrières et hommes séducteurs*¹² e *Femmes et héroïsme: un manque d'étoffe?*¹³), o suicídio da esposa que mantém sua honra e a de seu marido (assim como garante a legitimidade da prole), e a morte da mãe no parto estão entre os sacrifícios que, segundo Pauline Schmitt Pantel, elevariam as mulheres a heroínas da *pólis*. Segundo a autora – seguindo Vernant –, tais atos correspondem à bela morte do herói masculino, pois da mesma forma que este, as mulheres se sacrificam pela manutenção da comunidade cívica e política (p.181-2).

O livro se encerra com uma discussão acerca dos mitos fundadores judaico-cristão e grego, e comparando o lugar de Eva nas sociedades ocidentais até nossos dias e de Pandora para os gregos antigos (*La création de la femme: un enjeu pour l'histoire des femmes?*¹⁴). A autora nota que, em ambos os casos, os discursos acerca da *primeira* mulher vão se transformando, sendo moldados de acordo com o momento histórico e com o que determinada corrente de pensamento quer justificar. O mito vai moldando um lugar da mulher na sociedade, mas a contrapartida também se torna verdadeira, e uma evidência disso é que os mitos femininos são muito mais consolidados do que os masculinos (p.198-9).

A seleção e a organização temática feita por Pauline Schmitt Pantel, em seu livro, evidenciam que as questões relacionais entre homens e mulheres e suas manifestações nas divisões espaciais físicas e abstratas entre os gregos antigos sempre tiveram lugar central nos questionamentos da autora – mesmo antes do surgimento da categoria gênero. Essa linealidade teórica favorece a manutenção de um senso de proximidade, mesmo entre textos cronologicamente distantes, e nos permite visualizar o livro como um todo. Além do mais, *Aithra et Pandora* nos fornece a oportunidade de acessar, em um único lugar, textos que se tornaram referências tanto nos estudos de gênero como das sociedades da Grécia Antiga. Mais ainda, temos a valiosa possibilidade de observar as mudanças no debate historiográfico, não apenas a partir do prisma da revisão de debates passados, mas como algo presente no momento de produção de cada artigo.

¹ Dentre tais trabalhos, destacam-se a direção do volume dedicado à Antiguidade da famosa coletânea *História das Mulheres no Ocidente* (organizada por Georges Duby e Michelle Perrot, e publicada originalmente em 1990), do volume 19 da revista *Clio* (publicado em 2004), intitulado *Femmes et images*, assim como de *La religion grecque* (1989) e *Le corps des jeunes filles, de l'Antiquité à nos jours* (2001) – ambos ao lado de Louise Bruit Zaidman-, e a autoria de *La cité au banquet, histoire des repas publics dans les cités grecques* (1992).

² Publicado originalmente como SCHMITT PANTEL, P. Autour d'une anthropologie des sexes. **Métis. Anthropologie des mondes grecs anciens.** v.9, n.1, p.299-305, 1994.

³ Publicado originalmente como SCHMITT PANTEL, P. La différence des sexes: histoire, anthropologie et cité grecque. *In:* Perrot, M. (Org.) **Une histoire des femmes est-elle possible?** Paris: Rivages, 1984, p.97-119.

⁴ Publicado originalmente como SCHMITT PANTEL, P. L'histoire des femmes en histoire ancienne aujourd'hui. *In:* DUBY, G.; PERROT, M. (Org.) **Histoire des femmes. L'Antiquité.** Paris: Plon, 1991, p.493-502, v.1. Publicado em português como SCHMITT PANTEL, P. A história das mulheres na história da Antiguidade, hoje. *In:* DUBY, G. E PERROT, M. (Org.) **História das mulheres no Ocidente.** A Antiguidade. Porto: Afrontamento, 1990, p.591-604, v.1.

⁵ Publicado originalmente como SCHMITT PANTEL, P.; ZAIDMAN, L. B. Introduction à *Le corps de jeunes filles, de l'Antiquité à nos jours.* *In:* ZAIDMAN, L. B. *et alii.* **Le corps de jeunes filles, de l'Antiquité à nos jours.** Paris: Perrin, 2001, p.13-25.

⁶ Publicado originalmente como SCHMITT PANTEL, P. Athéna Apatouria et la ceinture: les aspects féminins des Apatouries à Athènes. **Annales ESC**, v.32, n.6, p.1059-71, 1977.

⁷ Publicado originalmente como SCHMITT PANTEL, P. Histoire de tyran ou comment La cite grecque construit ses marges. **Cahiers Jussieu.** Paris, v.5, p. 217-31, 1979.

⁸ Publicado originalmente como SCHMITT PANTEL, P. L'âne, l'adultère et la cite. *In:* LE GOFF, J.; SCHMITT, J-C. (Org.) **Le Charivari.** Paris: EHESS, 1981, p.117-22.

⁹ Publicado originalmente como SCHMITT PANTEL, P. Du symposion au sanctuaire: les espaces des cités grecques entre *gender* et identité politique. **Iphis**, p.1-14, 2005.

¹⁰ Publicado originalmente como SCHMITT PANTEL, P. Les femmes grecques et l'andron. **Clio, histoire, femmes et sociétés**, v.14, p.155-81, 2001.

¹¹ Publicado originalmente como SCHMITT PANTEL, P. Le banquet et le “genre” sur les images grecques, propos sur les compagnes et les compagnons. **Pallas**, v.61, p.83-95, 2003.

¹² Publicado originalmente como SCHMITT PANTEL, P. De la construction de la violence en Grèce ancienne: femmes meurtrières et hommes séducteurs, *In*: DAUPHIN, C.; FARGE, A. (Org.) **De la violence et des femmes**. Paris: Albin Michel, 1997, p. 19-34.

¹³ Publicado originalmente como SCHMITT PANTEL, P. La manipulation rituelle des images grecques étudiée sous l’angle du “genre”. *In*: ESTIENNE, D. et alli. **Image et religion, méthodes et problématiques pour l’Antiquité gréco-romaine**. Naples: EFR, 2008, p.307-14.

¹⁴ Publicado originalmente como SCHMITT PANTEL, P. La création de la femme: un enjeu pour l’histoire des femmes? *In*: SCHMITT, J-C. (Org.) **Ève et Pandora. La création de la première femme**. Paris: Gallimard, 2002, 211-32. Publicado em português como SCHMITT PANTEL, P. “A criação da mulher”: um ardid para a história das mulheres? *In*: MATOS, M. I.; SOIHET, R. (Org.) **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora da Unesp, 2003, p.129-56.